

## **Camaradas D'água: mestres inventores de um jogo de linguagem matemático envolvendo um tempo e espaço outro**

Comrades of water: masters inventors of a mathematical language game involving another time and space

Juciara Guimarães Carvalho<sup>1</sup>

Claudia Glavam Duarte<sup>2</sup>

**Resumo:** Este artigo propõe apresentar entendimentos – às vezes desentendimentos – sobre uma racionalidade matemática que se entrelaça com os modos de habitar o tempo e o espaço vivenciados pelos pescadores artesanais de Florianópolis/SC e Tramandaí/RS. Procuramos evidenciar jogos de linguagem de quatro *Camaradas D'água*, mestres inventores de um tempo e espaço, como colocam a operar saberes como a medição, divisão, normatização e ordenação. Ao mesmo tempo, são passíveis de criar elos entre as semelhanças de família e discontinuidades dos jogos de linguagem presentes em cada *mar-lagoa*. No mundo da pesca artesanal, o tempo permite ter tempo, mas não um tempo clichê contado pela rigidez dos ponteiros. Falamos de um tempo outro que se mistura, se divide, escapa, flui, corre e para. O tempo é peixe. Contudo, não só o tempo, mas também o espaço é peixe. Um espaço ora liso, nômade, ora estriado, mas sempre vivo, que flutua, desliza e mistura os caminhos ao criar condições para territorializar, des-territorializar e re-territorializar. Em curtas palavras, um tempo e um espaço outro inventado para dar vida ao viver.

**Palavras-chave:** Jogos de Linguagem Matemáticos; Tempo; Espaço; Pescadores Artesanais; Etnomatemática.

**Abstract:** This article proposes to present understandings - sometimes disagreements - on a mathematical rationality that intertwines with the ways of inhabiting time and space experienced by artisanal fishermen in Florianópolis / SC and Tramandaí / RS. Seek evidence from the four language games Comrades D'water that formed inventors masters of time and space, as stated operating knowledge as the measurement division, regulation and ordination. At the same time, they are likely to create links between the family resemblances and discontinuities of language games present in each mar-pond. In artisanal fishing world time permits take time, but not a cliché time counted by the rigidity of the hands. We speak of another time that mixture is divided, escapes, flows, runs and stops. Time is fish. However, not only time but also space is fish. A smooth now, nomadic space, sometimes striated, but always alive, floating, gliding and

---

<sup>1</sup> Mestrado em Educação Científica e Tecnológica pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Professora no Centro Educacional Marista Lucia Mayvorne.

<sup>2</sup> Doutorado em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS. Professora Adjunta da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

mixing the ways to create conditions for territorialize, des-territorialize and re-territorialize. In short words, a time and a space other invented to give life to live.

**Keywords:** Mathematical Language Games; Time; Space; Artisanal Fishermen; Ethnomatematics.

## 1. Quanta vida tem uma forma de vida?

Uma vivência que possibilita uma transformação no modo de ver o mundo, que provoca uma mudança de ritmo, de caminho, de paisagem. Uma experiência de vida que impede seguir pensando como se pensava, viver como se vivia. Uma vida se encontra com outra vida e a chama a recriar-se, reinventar-se (KOHAN, 2015, p.23).

Lançamos mão de uma trama investigativa, uma pesquisa-pesca, que entrelaça muitas vidas: pesquisadoras-pescadora, *Camaradas D'água*<sup>3</sup>, pescadores artesanais, conhecidos, desconhecidos e ainda, a vida do peixe, do boto, da água, do vento e da lua. Propusemos ir mais além, ao nos aventurarmos a entender a vida do tempo e do espaço presente em jogos de linguagem de pescadores artesanais de Florianópolis/SC e Tramandaí/RS. Em outras palavras, buscamos tecer entendimentos sobre a vida da forma de vida dos *Camaradas D'água* presente em um tempo vivido e um espaço habitado.

Nesse movimento, fomos capturadas por um tempo e espaço outro que se compõe em diferentes ritmos, caminhos e paisagens. Os *Camaradas D'água* se transformaram em *mestres inventores* do tempo e do espaço na pesca artesanal. Ensinarão que tanto o tempo quanto o espaço podem ser percebidos, vividos, de diferentes maneiras num processo de invenção e criação. Potencializaram a intensidade de viver um “aqui e agora” com “os “aqui” e os “agora” sempre novos, diversamente distribuídos” (DELEUZE, 1988, p. 17). O tempo insere diferentes ritmos que tiquetacam “onda cá” e “onda lá” sempre em vias de atualizar-se. No mesmo compasso, vai descrevendo trajetórias para a criação de um espaço para habitar, que é ocupado sem ser medido e faz intervir nuances de sons e cores da água, do vento e da lua. É um espaço liso por si mesmo constituído por acontecimento, espera, desejo, olhar, gesto, sorriso, silêncio e fala.

---

<sup>3</sup> O uso do termo *Camaradas D'água* foi empregado, aqui, de forma carinhosa e respeitosa como sinônimo de amigo. Foi também inspirado pela música *Camarada D'água* composta por Fernando Anitelli e Danilo Souza, presente no álbum *Recombinando Atos (2013)*, interpretada pelo grupo Teatro Mágico. A versão completa está disponível em: <<http://www.vagalume.com.br/o-teatro-magico/camarada-dagua.html>>. Acesso em: 17. set. 2015.

As águas de cada *mar-lagoa* abrigam formas de conhecimento e princípios de diferenciação de sensações e percepções, um *corpo sem órgãos*. Cria-se um espaço vivo que pode ser *nômade* e/ou *sedentário*, pode flutuar, deslizar e misturar os caminhos ao criar condições para territorializar, des-territorializar e re-territorializar. Desse modo, nossa intenção é gerar visibilidade às interlocuções entre os saberes envolvendo o tempo e o espaço com a finalidade de experimentar a pluralidade de possibilidades ao pesquisar diferentes formas de vida, ou seja, pensar a Educação e a Educação Matemática a partir de outros lugares. Além disso, suscitar outras questões, ativar diferentes indagações e provocar agenciamentos outros.

Nossa escolha por pesquisar em diferentes lugares foi motivada pela potencialidade de aprender com/sobre os *Camaradas D'água*, em cada *mar-lagoa*, seus modos singulares de operar com o tempo e o espaço praticados na pesca artesanal<sup>4</sup>. Trata-se de um movimento de escuta do Outro – dos Outros – que faz emergir jogos de linguagem envolvendo diferentes efeitos de pensar matematicamente. Podem se constituir em elos de semelhanças de família e discontinuidades. Colocamos os jogos de linguagem dos *Camaradas D'água* (*pescador-maricultor*, *pescador-temporário*, *pescador-tarrafa* e *pescador-caíco*) para “jogar”. Os lances foram realizados nos bairros de Santo Antônio de Lisboa e Barra da Lagoa (situados em Florianópolis/SC) e, Barra do Tramandaí e Tirolesa (ambos em Tramandaí/RS).

Para tecer essa rede de pesquisa, recorreremos a um fio teórico-metodológico composto pelo pensamento de Wittgenstein com as noções de forma de vida, jogos de linguagem, gramática e semelhanças de família; de Deleuze e Guattari ao proporem as noções de ciência de maior (também chamada de régia ou de Estado), ciência menor (ou nômade ou de guerra), tempo e espaço. Também dialogamos com Foucault com as noções de regime de verdade e jogos de saber/poder. Fizemos uso, também, de inspirações etnográficas que possibilitaram habitar os territórios de pesca e realizar um exercício sensível de escuta do *Outro*, de ver com olhos outros e sentir com o corpo todo. De experimentar outras águas, de embarcar em uma aventura cuja racionalidade matemática flutua, de viver um *presente vivo* que é constituído por sons, cores, falas, silêncios, gestos, expressões: afetos entrelaçado com a maré, o vento e a lua.

---

<sup>4</sup> Esta pesquisa estava vinculada a um projeto de pesquisa mais amplo intitulado *Etnomatemáticas do Campo de Santa Catarina (SC) e Rio Grande do Sul (RS): agricultores familiares e pescadores artesanais*, que recebeu apoio financeiro do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq. Chamada 43/2013 - Ciências Humanas, Sociais e Sociais Aplicadas. Processo nº409228/2013-3.

Diante desse *presente vivo* marcado pela intensidade de seus acontecimentos colocamos nossas ondas de escrita, no presente artigo, para tiquetaquear um tempo outro e habitar um espaço viajante, que se faz e age em diferentes jogos de linguagem. Propomos um movimento em que “joga corporalmente a vida para mudar a vida, para interromper a vida onde não é vida, para permitir o nascimento de uma vida outra, nova, inexistente até o presente” (KOHAN, 2015, p.61). Afinal, onde há vida – uma forma de vida - há um tempo e um espaço para ser vivido. Mas qual entendimento de tempo e espaço? São únicos? Como eles funcionam? Mais especificamente, como funciona o tempo e o espaço nos jogos de linguagem dos *Camaradas D’água*?

## 2. Um emaranhado de vidas...

Viver uma vida filosófica exige ver-se com o pensamento dos outros, intervir sobre ele e permitir-se ser afetado por ele; exige também lidar com suas vidas, pretender afetá-las e disponibilizar-se para receber seus efeitos (KOHAN, 2015, p. 106).

Recorremos ao pensamento de Wittgenstein, presente na obra *Investigações Filosóficas*, para subsidiar nosso “mergulho” em outras formas de vida e tecer entendimentos sobre seus jogos de linguagem envolvendo o tempo e o espaço. O filósofo nos ensina que cada forma de vida é constituída na e pela linguagem, mais especificamente pelos jogos de linguagem, cuja produção de significados estabelece os modos de pensar e agir no mundo. A racionalidade é tramada, criada e inventada no interior de uma forma de vida que coloca a funcionar suas significações amalgamadas com o seu uso na linguagem. Em outras palavras, cada forma de vida aciona um jogo de linguagem, a todo momento atravessado, pelos discursos dos quais participam os falantes nas relações sociais. “Os discursos não estão ancorados ultimamente em nenhum lugar, mas se distribuem difusamente pelo tecido social, de modo a marcar o pensamento de cada época, em cada lugar e, a partir daí, construir subjetividades” (VEIGA-NETO, 2011, p. 100).

Para Wittgenstein (2014, §7, p.19), jogos de linguagem são “a totalidade formada pela linguagem e pelas atividades com as quais ela vem entrelaçada”. Fazem parte de jogos de linguagem o conjunto de expressões, gestos, comportamentos, fazeres peculiares de cada forma de vida. São atividades linguísticas e não linguísticas que se encontram interligadas em nossas práticas (GLOCK, 1998). Desse modo, o conceito de

jogos de linguagem<sup>5</sup> se apresenta de forma não limitada, um jogo aberto, mesmo sendo constituído por regras, por uma gramática. Contudo, é possível estabelecer traços semelhantes. Ou, ainda, as semelhanças de família que aparecem e desaparecem entre diferentes jogos de linguagem de formas de vidas diferentes. Isso implica que não há uma *essência*, pois os jogos de linguagem não possuem uma propriedade comum a todos, estão aparentados.

Quando puxamos esse fio da rede e direcionamos nosso olhar para os jogos de linguagem estamos, ao mesmo tempo, desenrolando um “*saber das pessoas*” como sugere Foucault. Trata-se de um saber que “não é de modo algum saber comum, um bom senso, mas, ao contrário, um saber particular, um saber local, regional, um saber diferencial, incapaz de unanimidade e que deve sua força apenas à contundência que opõe a todos aqueles que o rodeiam” (FOUCAULT, 1999, p.12). Neste sentido, gerar visibilidade aos saberes locais é realizar a insurreição dos saberes, mas “uma insurreição sobretudo e acima de tudo contra os efeitos centralizadores de poder que são vinculados à instituição e ao funcionamento de um discurso científico organizado no interior de uma sociedade como a nossa” (ibidem, p. 14). Não se trata de desencavar esses saberes e recodificá-los, mas sim exteriorizá-los da margem em que se encontram, ou ainda, borrar as fronteiras entre os saberes ditos científicos e saberes não-científicos, colocando-os ao lado.

Numa linguagem deleuziana e guattariana, trata-se de uma máquina de guerra que opera com uma ciência maior (régia ou de Estado) e uma ciência menor (nômade). O adjetivo maior ou menor não significa juízo de valor, mas sim reforça que são diferentes. “Diante de um só e mesmo campo de interação onde uma ciência régia não para de apropriar-se dos conteúdos de uma ciência nômade ou vaga, e onde uma ciência nômade não para de fazer fugir os conteúdos da ciência régia” (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 34). A ciência maior considera a multiplicidade de saberes imersa em um espaço homogêneo, fechado e fixo. Tal fato evidencia que “o que é próprio da ciência régia, do seu poder teorematizado ou axiomático, é subtrair todas as operações das condições da intuição para convertê-las em verdadeiros conceitos intrínsecos ou

---

<sup>5</sup>Segundo Glock (1998), o termo jogo de linguagem surge quando, a partir de 1932, Wittgenstein passa a estender a analogia do jogo à linguagem como um todo. Sua principal função é chamar a atenção para as várias semelhanças entre linguagem e jogos dentre elas a existência de regras. “Aprendemos o significado das palavras aprendendo a utilizá-las, da mesma forma que aprendemos a jogar xadrez, não pela associação de peças a objetos, mas sim pelo aprendizado dos movimentos possíveis para tais peças” (ibidem, p. 225).

categorias” (ibidem, p. 42). Já a ciência menor “não é uma simples técnica ou prática, mas um campo científico (...)” (ibidem, p. 34). Assim, a ordem e natureza se diferem e se distancia da ciência maior, não se preocupa em “extrair constantes a partir de variáveis, porém de colocar as próprias variáveis em estado de variação contínua” (ibidem, p. 36).

Aliadas a esse posicionamento, nossa intenção é propor que se faça intervir os saberes dos pescadores artesanais, *Camaradas D’água*, para enfatizar as diferentes racionalidades com suas gramáticas específicas e evidenciar a potencialidade que uma ciência menor pode ter ao minar uma ciência maior. Em outras palavras, participar de um jogo de linguagem outro que produz efeitos nos modos de perceber, sentir e viver o tempo e o espaço. Antes, porém, realizamos uma digressão para refletirmos sobre o funcionamento e a vida do próprio tempo e espaço. Voltamos a conversar com os *Outros-filósofos* Platão, Aristóteles, Kant, Newton, Einstein, Bergson, Deleuze e Guattari, que dedicaram parte de sua vida-filosófica para entender os efeitos do tempo e do espaço. Desde os gregos até a contemporaneidade, a pretensão não era de entender tempo e espaço em sua totalidade, mas evidenciar pontos que emergem e nos fazem pensar. Pensar sobre o tempo e o espaço é uma contínua reverberação.

Consideramos que as metamorfoses sofridas por esses conceitos são marcadas por numerosos retrocessos, desvios e ziguezagues, e, portanto, não têm fim, ou antes, não têm começo (ELIAS, 1998). Não aconteceram de forma linear, sem fissuras e transgressões, mas como condições de possibilidade emergentes que ativaram diferentes sem realizar juízo de valor ou contraposição, regimes de saber/poder em cada época. Embora as noções de tempo e de espaço possam parecer familiares e consideradas como um saber único, inquestionável, naturalizado por nossas vivências e, portanto, universal: não se tem uma definição única. Ou, ainda, corroborando com Elias (1998, p.11), “o tempo [e o espaço] não se deixa guardar comodamente numa dessas gavetas conceituais onde ainda hoje se classificam, com toda naturalidade, objetos desse tipo”.

O tempo e o espaço são convenções sociais e culturais que estão imbricadas na produção de conhecimento. Sua aprendizagem se inicia desde criança com as primeiras experiências, a saber: o tempo e espaço de dormir, de comer, de andar, de falar, de ir à escola, de brincar, das horas do relógio, dos dias do calendário, de “*antes de um*

agorinha” e um “pedacito de tempo”<sup>6</sup>. Desse modo, direcionamos nosso olhar para os diferentes tempos e espaços que nos habitam e que habitamos, percebendo as nuances desses conceitos em diferentes épocas e lugares.

Desde os gregos, o tempo pode ser *cronos* e *ain* a partir dos acontecimentos. O tempo é *cronos* como sendo a continuidade de um tempo sucessivo. Ou seja, um tempo passível de ser numerado segundo os astros como o Sol, a Lua e as estrelas, ou ainda, pelos dias, meses, anos e horas que apontam sua linearidade e inflexibilidade presentes em nossas experiências. “O tempo tornou-se, portanto, a representação simbólica de uma vasta rede de relações que reúne diversas sequências de caráter individual, social ou puramente físico” (ELIAS, 1998, p. 17). Por outro lado, o tempo é *aion* quando se constitui a intensidade do tempo da vida humana, está fora do tempo, não pode ser numerável nem sucessivo. Tempo da descoberta, da criação, da inspiração, da intensidade de um instante e do movimento. É um *tempo-sem-tempo*. Isso implica dizer que “o tempo da vida não é apenas questão de movimento numerado e que esse outro modo de ser temporal parece com o que uma criança faz. Se uma lógica segue os números, outra brinca com os números” (KOHAN, 2007, p. 86).

Para Platão (2003), o tempo nasceu quando um ser divino estruturou o caos primitivo, um rito de ordem, evidenciando uma origem cosmológica. “Para que o tempo surgisse, foram gerados o sol e a lua e mais cinco astros, que receberam a designação de planetas, a fim de delimitarem e resguardarem os números do tempo” (ibidem, 38c, p.77). O tempo é um *tempo-eternidade*, móvel entre *ser ou não ser*. A compreensão do tempo é subjetiva, se move na ordem sensível, estabelecendo diversos tempos particulares em harmonia com o tempo do universo em uma associação cíclica e sucessiva. A partir dessas observações, Platão define o conceito de *eternidade* como a única categoria de tempo possível numa espécie finita, porém ilimitada. O tempo está atrelado ao movimento do céu e aos números como relata uma das passagens mais conhecidas de *Timeu*, o tempo é a “imagem móvel da eternidade” (PLATÃO, 2003, 37d, p.76).

Tal fato evidencia o distanciamento e a diferenciação radical entre o tempo e o espaço platônico, pois o espaço é eterno sobre si e não se insere como cópia de nenhuma forma ideal - permanece sem forma, constante e invariável -, se apresenta de

---

<sup>6</sup>“Antes de um agorinha” e “um pedacito de tempo” são expressões temporais utilizadas por Mia Couto (2012) no conto *Nas águas do tempo*.

forma inerente ao mundo sensível de modo que suas propriedades não são captáveis pelo pensamento puro. O espaço é comparado a um receptáculo que abriga todos os objetos e, assim sendo, não é vazio, homogêneo, amorfo, passivo e desacompanhado de sensações. Contudo, é dinâmico e vivo em suas relações ao ser colocado em movimento. É, portanto, apreendido pelo intelecto. Desse modo, a espacialidade se constitui “como num sonho afirmando que é de certa maneira necessário que todo o ser esteja em certo lugar e ocupe um certo espaço, e que aquilo que não está na terra nem no céu nada é” (PLATÃO, 2003, 52b, p.99). Portanto, nos situamos diante do receptáculo do devir no qual “aquele que se gera, aquele no qual se gera e aquele à semelhança do qual nasce aquele que se gera” (ibidem, 50d, p.96).

Diante do pensamento de Platão e demais filósofos gregos da época, foram realizados diferentes movimentos e deslocamentos ao considerarem o tempo e o espaço. A saber, Aristóteles, aluno de Platão, lança mão da definição de que o tempo é medido segundo o *antes-depois*, guiado pelo *eterno gora* (tempo presente) que o delimita. Em outras palavras, o filósofo considera o tempo como não sendo o movimento. Tampouco pode existir na sua ausência, mas sim como uma relação de sucessão contínua em que o movimento está *em potência*, o antes e o depois, necessitando de uma alma<sup>7</sup> com a capacidade de contar. Isso implica que a unidade de medida não é mais dada pelas revoluções completas dos astros (os dias, meses e anos), mas sim o instante inextenso, permitindo medir toda e qualquer parte dessas revoluções, incluindo as infinitamente pequenas (REIS, 1996). Define-se um conceito próprio de *contagem do tempo* na medida em que existe movimento e, portanto, *há um número para cada um*. O “tempo é em si mesmo o simples movimento, enquanto a *contraposição do ser ao nada*. Só há tempo se *algo acontece*, e é a *esse nível* que se dá o acontecer” (ibidem, p.195).

O movimento foi o agente de mudança que impulsionou o pensamento de Aristóteles (1953), ao considerar que as coisas se locomovem. Isso causou o questionamento de onde elas estão e para onde vão e, conseqüentemente sobre a existência de espaço ou lugar em que as coisas estão inseridas. Para o filósofo, o espaço é pensado como *lugar* onde existem acontecimentos gerados pelo movimento, *locomoção*, de modo que a existência do lugar é evidentemente realizada a partir do fato da substituição mútua. Longe de ser vazio, o espaço é em si mesmo e exerce influência

---

<sup>7</sup> Segundo Puente (2001, p. 226), “é interessante observar que, após ter analisado a importância da alma na determinação do tempo, Aristóteles começa imediatamente a se perguntar de que tipo de movimento o tempo é número, como se quisesse buscar um critério mais objetivo para a determinação do tempo”.

sobre as coisas. Tudo está em algum lugar e no lugar. Isso implica que o lugar não é uma parte nem um estado da coisa, mas separável dela como o rio em que o navio passa.

Ao considerar o tempo e o espaço a partir das lentes kantianas, somos conduzidos por um *tempo-intuição* e *espaço-intuição*, sobre um olhar sensível necessário a toda experiência (tanto interna quanto externa). São condições subjetivas da nossa intuição e inerentes ao sujeito. Seu posicionamento está em tratar esses conceitos, presentes na obra *Crítica da Razão Pura* no capítulo intitulado Estética Transcendental<sup>8</sup>, como sendo duas formas puras da sensibilidade. Portanto, não cabe considerar os conceitos de movimento e mudança, uma vez que pressupõem algo de empírico. Desse modo, o tempo tem apenas uma dimensão. Isso significa dizer que tempos diferentes não são senão partes de um mesmo tempo, ou seja, o tempo é único e serve de fundamento aos diferentes tempos (KANT, 1997). O mesmo ocorre para o espaço kantiano, pois é a condição de possibilidade dos fenômenos e não uma determinação que dependa deles. Ou, ainda, o espaço é uma representação necessária que fundamenta todas as intuições externas, ou ainda o sentido externo.

Esse exercício também possibilita realizar um deslocamento, mesmo que amistoso, do território kantiano que considera o tempo e o espaço como dados *a priori* para o território newtoniano. Este mantém o olhar para um tempo e espaço absolutos, porém passível de ocorrer relações externas. Newton, na obra *Principia (Princípios Matemáticos da Filosofia Natural, 1978)*, afirma que “espaço e tempo têm existência independente dos objetos e dos fenômenos físicos” (MARTINS; ZANETIC, 2002, p. 41). Existe um só tempo que abarca tudo, ou ainda, que é “o tempo absoluto, verdadeiro e matemático, por si mesmo e da sua própria natureza, flui uniformemente sem relação com nada externo, e também é chamado de duração” (NEWTON, 1978, apud Ferreira et. al., 2009, p. 5). No entanto, Newton considera a coexistência de dois aspectos, o *absoluto* e o *relativo*, envolvendo o tempo, o espaço e o movimento. O tempo absoluto é uma pura abstração que se estabelece e permanece em um fluir uniforme envolvendo o universo em sua totalidade. O tempo relativo<sup>9</sup> é a medida do tempo absoluto, ou seja, a medida de duração perceptível e externa (seja ela exata ou não uniforme) que é obtida

---

<sup>8</sup> Kant (1997, p.62) designa por Estética Transcendental “uma ciência de todos os princípios da sensibilidade *a priori*”.

<sup>9</sup> Cabe ressaltar que os estudos de Galileu e Descartes já consideravam a existência do tempo relativo e espaço relativo, dependentes do referencial em relação aos demais objetos.

através do movimento e que é normalmente usada no lugar do tempo verdadeiro, tal como uma hora, um dia, um mês, um ano (NEWTON, 1990 apud MARTINS; ZANETIC, 2002, p.41). O mesmo é válido para o espaço e o movimento, pois ambos são passíveis de propriedades que os quantificam e qualificam.

Já Einstein viu o *tempo-relativo* como a potência da multiplicidade do tempo, ou seja, a possibilidade da dilatação do tempo. Tal fato gerou a mistura de espaço e tempo na constituição do mundo, mais especificamente, espaço-tempo: três dimensões de um espaço ordinário acrescido de uma dimensão temporal. Ao admitir a existência de uma quarta dimensão, mesmo sem percebê-la, acionou o movimento do pensamento para além dos limites da sensibilidade. A Teoria da Relatividade possibilita modificar os invariantes, considerando, assim, a constância da velocidade da luz no vácuo e o tempo relativo. Além disso, o espaço proposto por Einstein lança mão de infinitas formas de coexistência e sucessão, pois configura o princípio da incerteza, sistema aberto de imprevisibilidade, de acontecimentos observáveis a partir de um referencial do observador (VIEIRA, 2003). Esse fato evidenciou o colapso envolvendo os conceitos de tempo e espaço, pois propõe experiências mentais, como atividade inteligente, que constituem uma intuição – no sentido racional - do universo finito-ilimitado.

Neste amálgama, entre a física e a filosofia, “os paradoxos que tanto assustaram alguns, tanto seduziram outros, parecem-nos provir daí” (BERGSON, 2006, p.8). Diante de tal motivação, Bergson encarou o desafio de repensar o tempo e o espaço a partir de outro lugar: a filosofia. Assim, nos ensina a ver o *tempo-vivido*, um tempo que flui e uma duração que pode ser uma e várias simultaneamente. O tempo descreve diferentes trajetórias criando um espaço para estar. Medir o tempo é medir o espaço. O interesse do filósofo está em apreciar o tempo que passa, que escoia durante os intervalos: o que pode ser percebido, os diferentes ritmos, um tempo que dura. Em outras palavras, um tempo que não é mensurável, mas, sobretudo, só se divide mudando de natureza e somente se deixa medir variando de princípio métrico a cada estágio da divisão. É a própria ação; a obrigação de vivê-lo, a impossibilidade de alguma vez saltar o intervalo de tempo por vir, que é sempre imprevisível e indeterminando (BERGSON, 2006).

Na perspectiva bergsoniana, falar em duração real nada mais é do que experimentar e constatar que o tempo se desenrola e não é mensurável sem ser convertido em espaço. Esse fato chamou a atenção de Bergson para se deslocar e

verificar em que espaço isso acontece. Ele afirma: “habito um espaço de três dimensões [passível de nossa experiência]; e, quando concedo a tais ou quais filósofos que poderia muito bem haver uma quarta, digo algo que talvez seja absurdo em si [não corresponde com nenhuma realidade], embora matematicamente concebível” (BERGSON, 2006, p.177). O espaço é o que nos permite distinguir entre si várias sensações idênticas e simultâneas agindo como um princípio de diferenciação. Assim, é no e pelo espaço que se efetuam distinções nítidas, contagem, abstração, e também fala (BERGSON, 1988). Além disso, “se o espaço se tem de definir como homogêneo, parece que inversamente todo o meio homogêneo e indefinido será espaço” (ibidem, p.71). A homogeneidade consiste na ausência de qualidade, pois duas formas de homogeneidade não se distinguiriam uma da outra.

Para Bergson (2006), não basta dizer que a noção de número é uma coleção de unidades, pois se acrescenta a multiplicidade das unidades de um todo que lhes são idênticas. Por exemplo, a contagem de ovelhas de um rebanho é facilmente realizada embora o pastor não considere as particularidades de cada ovelha. Isso implica que, ao considerar as particularidades de objetos ou indivíduos, é possível apenas enumerar, mas não somar uma multiplicidade de partes (BERGSON, 1988). Esta justaposição acontece no espaço e não na pura duração ou, ainda, “a ilusão constitui aqui o hábito adquirido de contar, parece-nos, mais no tempo do que no espaço” (ibidem, p. 59). Estabelece-se o entrelaçamento de uma noção de número e uma visão de espaço.

Os conceitos bergsonianos de tempo e de espaço ganharam visibilidade não só porque problematizavam a teoria da Relatividade de Einstein, mas por se aproximar de um tempo sensível, possível de ser captado e até mesmo espacializado. Introduzia, também, a ruptura, mesmo que não absoluta, do tempo newtoniano, passando a considerará-lo não mais como uma linha linear ou circular, mas uma grande “teia” com caráter fluído e múltiplo tal como é a própria vida. Seu posicionamento inspirou muitos outros filósofos, a saber, Deleuze. Este após estudar as contribuições bergsonianas e a partir da retomada do tempo *aión*, elaborou sínteses envolvendo o tempo na perspectiva da diferença. Desse modo, buscamos o tempo deleuziano e o espaço deleuziano-guattariano considerando a expressividade que nos afeta na contemporaneidade e fizemos dele o nosso ponto de parada. Em outras palavras, recorreremos a Deleuze e Guattari para uma leitura outra que se insere no círculo do tempo, em um *eterno*

*retorno*<sup>10</sup>, envolvendo os tempos *cronos* e *aion* que nos constituem enquanto ser e, mais adiante, nas contribuições que dizem respeito ao espaço liso e espaço estriado.

Para Deleuze, o tempo é constituído por um emaranhado que é informal, plástico e se movimenta de forma difusa, anti-linear, rizomática, é um modelo espiralado de tempo que ocorre por saltos com acelerações e diminuições de velocidade. Compõe outra modalidade de temporalidade que faz com que o tempo avance por outras trajetórias. As três sínteses do tempo propostas pelo filósofo, em *Diferença e Repetição* (1988), discutem a triplicidade de sua natureza. A primeira delas considera o presente que passa como fundação do tempo, o solo movente. A segunda considera o presente que passa e se apropria como sendo o fundamento do tempo e avalia o solo. A terceira síntese considera que é no presente que o tempo se desenrola, deixando de ser cardinal para torna-se ordinal, uma pura *ordem* do tempo geradora do novo. O tempo presente desdobrou-se, despregou-se, multiplicou-se em trajetórias tão dissímeis que o tempo (conhecido) torna-se insuficiente para reconhecer a si mesmo (SKLIAR, 2003). “O tempo é, a cada tempo, nômade de si mesmo e em si mesmo” (ibidem, p. 41).

Assim como Deleuze revisita as questões envolvendo o tempo *cronos* e o tempo *aion* evidenciando suas potencialidades também se debruça – juntamente com Guattari – a investigar as condições do espaço que abriga o tempo. O espaço é dito ser liso (espaço nômade) e estriado (espaço sedentário), sendo que “os dois espaços só existem de fato graças às misturas entre si: o espaço liso não para de ser traduzido, transvertido num espaço estriado; o espaço estriado é constantemente revertido, devolvido a um espaço liso” (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 180). As passagens de um espaço ao outro estão atreladas pelo movimento que os diferenciam, de forma complexa, e possibilita as misturas de fato. Em ambos os espaços existem pontos, linhas e superfícies e, portanto, paradas e trajetos. No entanto, carregam especificidades, ou seja, “no espaço estriado, as linhas, os trajetos têm tendência a ficar subordinado aos pontos: vai-se de um ponto ao outro. No liso, é o inverso: os pontos estão subordinados ao trajeto” (ibidem, 1997, p. 184). É o trajeto que provoca a parada onde o intervalo acontece nos valores rítmicos, o que passa entre os pontos. No espaço estriado, tem-se uma superfície fechada em que os intervalos são determinados. Já no espaço liso, distribui-se em espaço aberto conforme as frequências e ao longo dos percursos.

---

<sup>10</sup> O uso do termo *eterno retorno* de Nietzsche é uma das referências utilizadas por Deleuze. Contudo, as obras de David Hume e Henri Bergson tiveram grande influência no pensamento deleuziano.

Diante disso, podemos afirmar que o tempo foi e ainda é ora *cronos* que rege, regula, aprisiona, cega, violenta e, ora *aíon* que dura, vive, flui, multiplica, acontece e afeta. No entanto, o tempo não escapa de estar “abraçado” com o espaço que pode ser liso e/ou estriado, pois assim “repousa o caráter vívido [*liveliness*] do mundo” (MASSEY, 2019, p. 90), embora sejam considerados invariantes e separáveis. “Não existe nada humano fora do tempo e não existe nenhum tempo fora do humano. Entretanto: existe um único tempo dentro do humano e um único humano dentro do tempo? Com certeza, não” (SKLIAR, 2003, p. 39). Assim, inspirada pela multiplicidade do tempo e do espaço, sigo com o desenrolar do fio com a seguinte inquietação: Como o(s) tempo(s) e espaço(s) habitam os jogos de linguagem entre os pescadores artesanais de Florianópolis/SC e Tramandaí/RS?

### **3. Camaradas D'água inventam e re-inventam um tempo e espaço outro...**

Não interessa um saber dissociado da vida ou um sábio professor que não saiba viver, que não ensine um saber para a vida (KOHAN, 2015, p.86).

Cada vida de um *Camarada D'água* “transmite um saber que ensina a viver, um saber vital, uma vida feita de saber” (ibidem, p. 86). Fomos capturadas pelos relatos de um mestre inventor chamado Símon Rodríguez – apresentado por Kohan (2015) – que estava atento em seu fazer escola nas escolas e se posicionava de modo a “ouvir aqueles que falam outra língua, aqueles que pensam de outra forma, os estranhos, desabitados aos usos estabelecidos” (KOHAN, 2015). Assim, consideramos os *Camaradas D'água* como sendo mestres inventores de um tempo e de um espaço na pesca artesanal, pois o desejo de saber que os move nos ensinaram, sobretudo, a viver.

Nesse sentido, as regras do jogo da pesca artesanal

(...) preocupa-se tanto com o que, de fato, aprende quanto com que os que aprendem nunca deixem de querer aprender. Isso é o que ele sabe melhor, um saber de outros, para outros, com outros: é quando os outros sabem que ele sabe de verdade, quando os outros aprendem o que ele ensina; é só assim, então, que o seu saber se realiza e adquire sentido, quando os outros aprendem a viver, a saber viver (KOHAN, 2015, p. 89).

Mais desafiador do que buscar entender o tempo e o espaço do *Outro* - como o tempo e o espaço são *vividos* pelos *Camaradas D'água* -, é tramar essas linhas móveis em um emaranhado de semelhanças de família e tecer redes outras de discontinuidades. A partir dos jogos de linguagem entre o *pescador-maricultor*, o *pescador-temporário*, o *pescador-tarrafa* e o *pescador-caíco* percebemos como colocam esse saber para

funcionar, ou seja, como inferem a medição do tempo e do espaço e mais do que isso, como os dividem.

No mundo de cada *mar-lagoa* o tempo pode ser dividido em *cronos* e *aíon* e o espaço pode ser *liso* e *estriado*. Ambos estão atrelados ao movimento dos acontecimentos, eventualidades de todo dia. Embora as formas de vida sejam distintas e não convivam diretamente com o mesmo tempo e espaço, respiram conjuntamente o ar da pesca - as marés (água), os ventos e a lua (fases da lua) -, aspiram pegar o peixe e esperam. Cria-se *condições de possibilidade* para viver o tempo e habitar o espaço. Sem ter a pretensão de supor uma essência dos modos de pensar e agir dos *Camaradas D'água*, ou pressupor uma identidade cultural única e pura, é possível colocar os jogos de linguagem para “jogar”. Ou seja, na perspectiva wittgensteniana, consistiria em traçar os “elos de ligação entre os fenômenos que descreve” (GLOCK, 1998, p.324).

Iniciamos pelo elo que estabelece a racionalidade matemática, existente na operacionalização do tempo e do espaço da pesca, como sendo uma *ciência menor ou nômade* que apresenta uma geometria analfabeta, amétrica, desprendida da *ciência maior*. No que se refere ao tempo, é possível afirmar que ele é *cronos* quando enumera a continuidade de um tempo sucessivo considerando o movimento linear e cíclico das horas, dias, noites, fases da lua, orientação dos ventos e temporadas de pesca, regulando os modos de ser e estar nele. É um tempo independente da experiência. Não importa o que vai acontecer, os ponteiros continuam tiquetaqueando para além de uma realidade sensível. Ou seja, opera de modo objetivo, absoluto, verdadeiro, universal e até mesmo despercebido ou inquestionável. Aos quatro *mar-lagoa* o tempo é também vivido de forma determinada, uniforme e constante, ou seja, participa do jogo do tempo clichê, mas não só dessa forma.

Ao intervir o tempo *cronos* na pesca, o presente torna-se limitado mesmo sendo infinito. Existe a contagem das coisas que duram - por exemplo, a temporada que dita quais e como os peixes podem ser pescados – fato que aprisiona os corpos supondo que o tempo já estivesse todo desenrolado, fechado em si mesmo. O presente absorve o passado e o futuro. Embora o efeito provocado satisfaça algumas vivências na pesca não o abarca como um todo, pois o engessamento dos ponteiros não dá conta de medir o fluir da água. A previsibilidade das horas remete ao desprendimento delas, o tempo é medido com a unidade “mais ou menos” – “*saímos para pescar “umas” quatro horas da manhã*” - criando *linhas de fuga* para outros tempos.

O movimento e o tempo coexistem de modo que os momentos de lentidão provocados pela espera do peixe e a agitação que se dá na “corrida” para pegá-lo, oscilam e marcam a intensidade de um *presente vivo*. É como se os ponteiros do relógio fossem afrouxados tornando-se sincopados<sup>11</sup>, pois o tempo da pesca corre, escorre, flui, dura, inicia, termina, recomeça, sopra, ilumina, escurece, aumenta, diminui e suspende. Assim, mais do que viver um tempo *cronos*, os *Camaradas D'água* vivem um tempo *aíon*. O tempo é peixe e o peixe não tem hora. Existe a mistura, impureza, de uma combinação rítmica outra que é provocativa no sentido de que o tempo deixa de ser aquele que insiste em passar para ser aquele que dura, à sua maneira, e se constitui no tempo constituído. Vive-se um *tempo-sem-tempo*.

Um tempo outro que é simultaneamente múltiplo e único, finito e ilimitado que se insere pelos *presentes encaixados* vividos na e pela pesca como um acontecimento em devir em cada instante. A maré *pode* mudar, o vigia *pode* avisar, o boto *pode* pular, a baliza *pode* ser a primeira e o peixe *pode* aparecer, pois o que determina a unidade temporal é justamente a certeza da incerteza e a precisão da imprecisão que desnudam o tempo. Os *Camaradas D'água* desenrolam o tempo como desenrolam suas redes que passam de mão em mão sem atropelos, dobram e desdobram expectativas e desejos, guardam e lançam olhares e saberes inseridos mais na experiência que a espera vire pesca: pelo presente sensível e tátil, do que por dispositivos reguladores. “A vida [na pesca] é a espera do que pode ser vivido” (COUTO, 2012, p. 206-207).

O tempo percebido, *vivido*, insere diferentes ritmos em suas durações que são marcados pela “onda cá” e “onda lá” sempre em vias de atualizar-se. Não apenas ditam o tempo como descrevem as trajetórias para a criação de um espaço para habitar. É nas águas de cada *mar-lagoa* que se abriga formas de conhecimento e princípios de diferenciação de sensações e percepções, um *corpo sem órgãos*. Um espaço que é ocupado sem ser medido e faz intervir nuances de sons e cores da água, do vento e da lua. É um espaço liso por si mesmo constituído por acontecimento, espera, desejo, olhar, gesto, sorriso, silêncio e fala. Os *Camaradas D'água* vivem um tempo e habitam um espaço que enunciam saberes a partir/com os olhos, o espírito e o corpo todo, estão situados no “aqui e agora” com “os “aqui” e os “agora” sempre novos, diversamente distribuídos” (DELEUZE, 1988, p. 17).

---

<sup>11</sup> Síncope é uma figura rítmica, utilizada na composição musical, que cria um deslocamento da acentuação rítmica, assim o som opera no deslizamento do tempo forte para o tempo fraco.

Cada *mar-lagoa* é um espaço vivo que pode ser *nômade* e/ou *sedentário*, pode flutuar, deslizar e misturar os caminhos ao criar condições para territorializar, des-territorializar e re-territorializar. O *mar-lagoa* é habitado de modo *liso* e/ou *estriado* e transita do liso para o estriado e do estriado para o liso. Trata-se de um *entre-lugar* emaranhado de misturas, impurezas, hibridismos e cruzamentos que abriga o desafio de estriar um território movente, fixar estacas na água, cercar o peixe em movimento e lançar as redes. Existe a necessidade de impor limites, definir as qualidades visuais mensuráveis e delimitar onde a pesca artesanal acontece sem estabelecer fronteiras.

O desejo de pegar o peixe ativa a *vontade* de organizar, ordenar, estruturar, regar e medir tanto o tempo quanto o espaço, ou seja, é preciso criar linhas moventes de contagem, medição e abstração para ocupar o *mar-lagoa* e acomodar uma orientação ou regulação dos modos de pensar e agir dos *Camaradas D'água*. O mundo da pesca artesanal é constituído pela bagunça organizada ou pela organização bagunçada que me fez entender que as relações métricas podem estar tão fixas quanto se queira, mas sempre serão atravessadas pelos axiomas que flutuam, correm e escorrem na medida em que se movimentam com as águas dos acontecimentos. É um tempo e espaço outro que potencializa viver diferentes multiplicidades métricas e não-métricas.

Situados em cada *mar-lagoa*, os *Camaradas D'água* não só apresentam semelhanças de família ao viver o tempo e habitar o mundo da pesca artesanal e a repetição nos modos de conhecer que se dão pela maré, vento e lua, mas também traçam linhas de discontinuidades ou diferenças. Isso implica dizer que cada pescador artesanal possui um modo de ser e estar pescador artesanal compondo uma pluralidade de “eus-pescador”, fato este que provoca desconforto ao supor generalização e uma única identidade. “Todas as identidades são apenas simuladas, produzidas como um “efeito” ótico por um jogo mais profundo, que é o da diferença e repetição” (DELEUZE, 1988, p. 16). A repetição acionada pelas semelhanças de família guarda diferença e ativa a transgressão, ou seja, a própria repetição cria linhas de fuga, do novo, do inesperado e da intensidade. “A tarefa da vida é fazer com que coexistam todas as repetições num espaço em que se distribui a diferença” (ibidem, p.16), pois o tempo e o espaço são por si próprios repetitivos.

#### **4. Um tempo e um espaço de vida, uma forma de vida...**

Podemos perceber que, mais do que pescadores artesanais, eles são *Camaradas D'água*, mas também camaradas de força, de persistência, de atenção, de simplicidade, de fraternidade, de expectativa, de espera, de calma, de saber e de poder. Cada um deles ensinou um modo de ser e de fazer distinto, mas o desejo era um só: pegar o peixe. Aprendemos com eles que a pesca artesanal, além de ser um trabalho, fonte de renda e sobrevivência, é uma fonte de amor pelo que se faz que alivia o calor, o frio, a dor, a impaciência, o desânimo e o controle. É agir com sabedoria para enfrentar *um tempo que dura*, seja na alegria marcada pela fartura ou na tristeza pela escassez. Viver na e da pesca é viver uma rotina-sem-rotina. Assim como na vida, mesmo que a “sorte” possa ajudar, é preciso lançar as redes todos os dias.

Os jogos de linguagem matemáticos utilizados pelos *Camaradas D'água* ensinam a prestar atenção àquilo que nos cerca, como o movimento da maré, o sopro do vento, a fase da lua, o correr do peixe, a pegada na areia. Tudo isso enuncia o fluir da pesca, da vida, e nos fazem aproveitar os instantes em que o boto aparece, o cardume mancha o mar, o peixe malha, o rodízio corre, o rádio toca, os passarinhos cantam e as ondas tiquetacam. Em outras palavras, treinam o olhar para “tudo o que é menor, mais lento e baldio. Deixo o rio passar tão voraz, veloz, me deixo ficar”<sup>12</sup>. No mundo da pesca artesanal, o tempo permite ter tempo, mas não um tempo clichê contado pela rigidez dos ponteiros. Falamos de um tempo outro que se mistura, se divide, escapa, flui, corre e para. O tempo é peixe. Contudo, não só o tempo, mas também o espaço é peixe. Um espaço liso, nômade, simples e, vivo que flutua, desliza e mistura os caminhos ao criar condições para territorializar, des-territorializar e re-territorializar.

Isso implica que, nesta busca de compreender o tempo e espaço do Outro, tecemos entendimentos de que, mais do que medir o tempo, ele é vivido. Mais do que medir o espaço, habita-se nele. A obrigação de viver e sentir o “agora”, o acontecimento que nos impossibilita saltar o intervalo de tempo é a mesma que nos faz parar e habitar o “aqui” e habitar um espaço para deixar-se ficar. Foi nas águas de cada *mar-lagoa* que aprendemos que um espaço pode ser ocupado sem ser medido, sendo constituído por acontecimento, espera, desejo, olhar, gesto, sorriso, silêncio e fala. Os *Camaradas*

---

<sup>12</sup> Trecho da música *Nas margens de mim* composta por Fernando Anitelli e Leoni, presente no álbum *A Sociedade do Espetáculo (2011)*, interpretada pelo grupo Teatro Mágico. Disponível em: <http://www.vagalume.com.br/o-teatro-magico/nas-margens-de-mim.html>. Acesso em: 17. set. 2015.

*D'água* inventam um tempo e habitam um espaço que enunciam saberes a partir/com os olhos, o espírito e o corpo todo. Estão situados no “aqui e agora” com “os “aqui” e os “agora” sempre em vias de atualizar-se. Em suma, “viver a vida que decidiram viver justifica-se pela maneira como essa vida afetará outras vidas” (KOHAN, 2015, p. 110). Afinal, um tempo e um espaço inventado por uma forma de vida outra pode potencializar o nosso modo de fazer escola na escola.

## REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES, Book IV. In: **Physics**. London: Oxford at the Clarendon Press, v. 2, 1953.

BERGSON, Henri. **Ensaio sobre os dados imediatos da consciência**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1988.

\_\_\_\_\_. **Duração e simultaneidade**: a propósito da teoria de Einstein. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

COUTO, Mia. Nas águas do tempo. In: **Estórias Abensonhadas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

\_\_\_\_\_. **A confissão da leoa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia 2, v.5; Tradução de Peter PálPelbart e Janice Caiafa. São Paulo: Editora 34, 1997.

ELIAS, Norbert. **Sobre o tempo**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

FERREIRA, Ricardo A; HELAYÜEL-NETO, José A; SIQUEIRA-BAPTISTA, Rômulo; JESUS, Vitor L. B; SIQUEIRA-BAPTISTA, Rodrigo. O espaço e o tempo, entre a ciência e a filosofia: notas para o ensino de física. **VII Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências (ENPEC)**. Florianópolis, SC, 2009, p. 1-10.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**: curso no Collège de France (1975-1976). Tradução de Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

GLOCK, Hans-Johann. **Dicionário Wittgenstein**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

KANT, Immanuel. Da Estética Transcendental do Espaço e do Tempo. In: **Crítica da Razão Pura**. Lisboa: Editora da Fundação Calouste Gulbenkian, 4.ed., p. 61-87, 1997.

KOHAN, Walter Omar. A infância da educação: o conceito devir-criança. In: **Infância, estrangeiridade e ignorância** – Ensaio de filosofia e educação. Belo Horizonte: Autêntica, p. 85-98, 2007.

\_\_\_\_\_. **O mestre inventor**: relatos de um viajante educador. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

MARTINS, André Ferrer P; ZANETIC, João. Tempo: esse velho estranho conhecido. **Revista Ciência e Cultura** [online], São Paulo, v.54, n.2, p.41-44, 2002.

MASSEY, Doreen B. **Pelo espaço**: uma nova política da espacialidade. Tradução de Hilda Pareto Maciel e Rogério Haesbaert. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

PLATÃO. **Timeu**. Tradução de Maria José Figueiredo. São Paulo: Instituto Piaget, 2003.

PUENTE, Fernando Rey. **Os sentidos do tempo em Aristóteles**. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

REIS, José. Sobre o Tempo. **Revista Filosófica de Coimbra**, n.9, p. 143-203, 1996.

SKLIAR, Carlos. **Pedagogia (improvável) da diferença**: e se o outro não estivesse aí? Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Foucault e a educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

VIEIRA, Euripedes Falcão. O espaço-tempo: ficção, teoria e sociedade. **Cadernos EBAPE.BR**, v.1, n.1, p. 1-7, 2003.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Investigações filosóficas**. Tradução de Marcos G. Montagnoli. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.